

## Mulheres que trabalham com a morte: a perspectiva feminina diante de ofícios do sistema funerário

### RESUMO

Este artigo apresenta um estudo sobre mulheres que trabalham no sistema funerário, como é o caso de sepultadoras, cremadoras e agentes de empresas funerárias do Brasil. Por estarem expostas ao fenômeno da morte na concretude em que ocorre, e no cotidiano de suas profissões, lidam rotineiramente com a finitude da vida humana. Para tanto, ouvimos em entrevistas, o percurso e como é “ser mulher” em ofícios nos quais predomina a figura masculina. Os dados foram obtidos a partir de entrevistas com base em roteiro semiestruturado com quatro mulheres profissionais do serviço funerário, inclusive com coleta de seus dados sociodemográficos, que propiciaram as seguintes conclusões: 1) há desigualdade de gênero no sistema funerário, em desfavor das mulheres, 2) a maior preocupação apontada pelas trabalhadoras entrevistadas era com a dificuldade de oferecer amparo para familiares e amigos da pessoa morta, e 3) a pandemia da Covid-19 foi um fator chave nos trabalhos que envolvem o sistema funerário.

**Palavras-chave:** Trabalho de mulheres; Tanatologia; Gênero; Morte; Serviço funerário.

\* Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). Professor do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). CV: <http://lattes.cnpq.br/6060975499531462>

\*\* Mestra em Psicologia da Saúde e Processos Psicossociais pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Pesquisadora do grupo de pesquisa sobre Estudos de Morte e Pós Morte do Laboratório de Política, Comportamento e Mídia da Fundação São Paulo / PUC-SP - Labô. CV: <http://lattes.cnpq.br/4218113613735230>



## Women who work with death: the female perspective on the occupations of the funeral system

### ABSTRACT

This article aims to present a study with women who work in the funeral system, as is the case of buriers, cremators and agents of funeral companies from Brazil. Because they are exposed to the phenomenon of death in the concreteness in which it occurs and in the daily life of their professions, they deal routinely with the finitude of human life. To this end, we heard about the path and what it is like "to be a woman" in professions in which the male figure predominates. The data were obtained from semi-structured interviews with four women professionals in the funeral service, including the collection of their socio-demographic data, that brought us some conclusions: 1) there is a gender inequality in the funeral system, to the disadvantage of women, 2) the greatest concern among the workers interviewed was the difficulty of providing support for the relatives and friends of the deceased, and 3) the Covid-19 pandemic was a key factor in the work involving the funerary system.

**Keywords:** Women's Work; Thanatology; Gender; Death; Funeral services.

## Mujeres que trabajan con la muerte: concepción femenina del trabajo en los sistemas funerarios

### RESUMEN

Este artículo presenta un estudio sobre las mujeres que trabajan en empresas funerarias, como trabajadoras funerarias, cremadoras y agentes técnicas de este tipo de oficio en Brasil. Como están directamente expuestas al fenómeno de la muerte en el cotidiano de sus profesiones, actuando cotidianamente con la finitud de la vida humana. Para ello, escuchamos, a través de entrevistas, los relatos de cada una de ellas sobre lo que es "ser mujer" en ocupaciones predominantemente masculinas. Los datos fueron obtenidos a partir de un guión semiestructurado, incluyendo la recolección de sus datos sociodemográficos, con la participación de cuatro mujeres profesionales del servicio funerario. Se llegó a las siguientes conclusiones: 1) el sistema funerario es desigual en cuanto al género, siendo desfavorable para las mujeres, 2) la mayor preocupación señalada por los trabajadores entrevistados fue en relación a la dificultad para brindar apoyo emocional a familiares y amigos de la persona fallecida, y 3) la pandemia del Covid-19 fue un factor de gran impacto en las obras que involucran el sistema funerario.

**Palabras-clave:** Trabajo de mujeres; Tanatología; Género; Muerte; Servicio Funerario.



Quando uma pessoa morre, diversas questões podem entrar em cena, sejam de ordem existencial, religiosa, burocrática ou afetiva. Dentre aquelas de ordem prática, destaca-se o manejo do corpo morto em certos locais, como agências funerárias e cemitérios. Em um contexto sociocultural no qual se evita a proximidade de fenômenos relacionados à morte e ao morrer, tendem a aparecer, no cenário social, profissionais e ambientes especializados em cuidar dos serviços suscitados pelo acontecimento da morte, tais como agências funerárias, crematórios e cemitérios.

No Brasil, os serviços funerários e os cemitérios são regulados pelo poder municipal, por serem considerados atividades de interesse local (inciso V do art. 30, da Constituição Federal Brasileira)<sup>1</sup>, e incluem a confecção de caixões, a organização de velórios, o transporte de cadáveres e a administração de cemitérios. Além disso, em muitos municípios, esses serviços públicos são realizados por empresas privadas por concessões públicas. Foi uma mudança gradual, com a municipalidade passando a assumir uma função que outrora ficava exclusivamente para as famílias e para entidades religiosas, inclusive na definição dos locais de sepultamento.

A contratação do serviço funerário terceiriza as atividades de aquisição ou programação dos rituais antes do enterro ou cremação, entre outras etapas, que na maioria das vezes não são mais realizadas pelos familiares, mas por empresas funerárias, deixando, assim, quando bem realizados, a família livre da tarefa de lidar com questões burocráticas, para que possam focar no processo de luto e despedida. Os serviços funerários são requisitados após a declaração do óbito e, além da preparação técnica do corpo, é realizado o planejamento do cerimonial fúnebre, quando os enlutados iniciam o ritual de despedida do falecido: “[o] sepultamento sempre tem um lado público, envolvendo regulamentos e leis. É também o lugar das despedidas, das lamentações e da perda” (Kovács, 2003, p. 60).

Nesse contexto verificamos também que existe uma questão pouco abordada pela literatura, que é o trabalho de mulheres nesse tipo de serviço. Em um estudo de 2021, Silva verificou nas falas dos participantes tal situação, inclusive foram pontos referidos pelas mulheres que colaboraram com a pesquisa. Ainda no trabalho mencionado, Silva (2021) afirma não ter encontrado publicações que mencionassem mulheres ou a questão de gênero no trabalho com a morte.

Este artigo teve como objetivo conhecer as mulheres que trabalham com a morte, como percebem e compreendem a morte a partir de suas vivências profissionais. Buscamos discutir ao longo do texto os cinco pontos a seguir: A) Se a experiência rotineira com esse tipo de trabalho nortearia ou modificaria suas concepções pessoais sobre a morte. B) Como as trabalhadoras da morte (sepultadoras, cremadoras, agentes funerárias) compreendem e lidam com a morte no exercício de suas atividades profissionais e na vida pessoal. C) Quais motivos as levaram a trabalhar com o corpo morto. D) Como é ser mulher nesse ambiente de trabalho. E) Quais as perspectivas diante do trabalho com a morte. Optou-se pelo método

<sup>1</sup> Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm).

descritivo da abordagem qualitativa desenvolvido com trabalhadoras do serviço funerário do gênero feminino.

Batista e Codo (2018) afirmam que essas profissões são consideradas “trabalho sujo”, por terem contato com o corpo morto e que, por tal razão, se veem diariamente expostas à morte. Segundo esses autores, considerando que a morte é um tema interdito, este tabu gera um vácuo social, preenchido pelos trabalhadores que cuidam das práticas do fim da vida. As ocupações funerárias fazem parte da categoria chamada “trabalho sujo”, caracterizada por uma “classificação das profissões segundo seu maior ou menor prestígio social” (Batista & Codo, 2018, p. 73). Quando ocorre essa divisão moral, as profissões de menor prestígio são estigmatizadas, consideradas repugnantes. É evidenciado que o contato com a morte, devido ao trabalho, desperta estranheza, repugnância e curiosidade alheias, e o desconhecimento das atividades por eles realizadas precipita a estigmatização, que categoriza o trabalho como sujo e é fonte considerável de sofrimento.

### Gênero e o trabalho das mulheres com a morte

As últimas décadas foram marcadas por transformações do papel da mulher em vários âmbitos. A participação da mulher no mercado de trabalho ainda é uma questão muito debatida e cujo consenso é o de que há uma inserção desigual entre os gêneros (Meireles, 2018).

O crescimento da participação das mulheres na força de trabalho, de forma geral, é constantemente debatido. No entanto, inexitem ou são raras as publicações nacionais a respeito da participação feminina no setor funerário. No levantamento de publicações sobre o trabalho com a morte realizado por Silva (2021) que compreende os anos de 2014-2021, neste período não foram encontradas teses, dissertações ou artigos que mencionassem a questão de gênero no mercado funerário.

O fazer dos profissionais dos segmentos funerários envolve o cuidado com o outro de duas maneiras: atendimento e atenção à cada família que contrata ou necessita de seus serviços, o preparo e o zelo ao corpo morto. Segundo Souza (2013), o ato de cuidar de alguém é frequentemente atribuído às mulheres e a suas supostas capacidades de ter mais paciência, de serem carinhosas e estarem mais disponíveis do que os homens, pelo menos na ótica de nossa sociedade contemporânea.

Conforme Meireles (2018), o mercado de trabalho é uma das dimensões em que a percepção de que as mulheres teriam um tratamento distinto dos homens há muito tempo. Um dos aspectos em que aparecem diferenças significativas é o das atividades que são desempenhadas por homens e mulheres.

Aos poucos, as práticas de gestão estão mudando e algumas empresas fizeram esforços no sentido de valorizar a diversidade, contribuindo para que as mulheres ocupem espaços majoritariamente masculinos. No setor funerário, é tímida a inserção de mulheres ocupando esses ofícios ditos “masculinos”, como o de sepultadores. “Ao construir uma identidade produzida pela cultura e pela sociedade, homens e mulheres são rotulados para certas tarefas e que aspectos biológicos devem definir quem deve fazer o quê” (Barbosa, 2012, p. 16).



Meireles (2018) afirma que a literatura está longe de chegar a um consenso sobre os mecanismos que criam a desigualdade de gênero e a perpetuam. “Apesar do crescimento da escolaridade das mulheres e os avanços concretos em direção aos postos de trabalhos mais qualificados, existe um número limitado de mulheres em relação aos homens na ocupação desses postos” (Barbosa, 2012, p. 17).

## Método

Para conhecer a relação que estas profissionais estabelecem com a finitude humana, como lidam com os aspectos subjetivos da profissão, com a própria morte e a de entes queridos, foram entrevistadas trabalhadoras de serviços funerários, com experiência mínima de seis meses no ofício, sendo, portanto, um dos critérios de inclusão, de modo a garantir que a entrevistada pudesse relatar alguma experiência nesse tipo de serviço. As participantes foram entrevistadas individualmente e a pesquisa foi realizada de modo *on-line*, tendo ocorrido contato com trabalhadoras de várias cidades do Brasil, sempre intermediado por outros profissionais que atuam no mesmo setor, utilizando o método bola de neve (*snowball sampling*).

Foram tomados os cuidados estabelecidos pelas Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, as quais tratam das diretrizes para a pesquisa envolvendo seres humanos, tendo sido aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da Universidade Federal de Rondônia.<sup>2</sup>

Cada entrevista foi iniciada com a identificação e o perfil sociodemográfico da participante. Nessa etapa, realizada por meio de um formulário no *Google Forms*®, incluía-se também o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Neste artigo, apresentamos nomes fictícios de modo a não permitir a identificação dos entrevistados. Foram coletados dados pessoais das entrevistadas, como idade, escolaridade, profissão, estado civil e religião, de modo a propiciar acesso a informações básicas para entender o contexto pessoal e social de cada uma delas.

Depois do preenchimento do perfil sociodemográfico era marcada a data e o horário para as entrevistas, que foram realizadas por meio do aplicativo *WhatsApp*®. Tal ferramenta foi escolhida por permitir o uso sem desconto do pacote de dados de internet e pela garantia de uma variedade de formas de interação, como áudios, textos, vídeos e áudio-chamadas. Assim, cada entrevista podia ser agendada conforme disponibilidade das participantes, respeitando a privacidade, capacidade de acesso *on-line* e a imperiosa necessidade de manter distanciamento físico, em função da pandemia da Covid-19.

Foram realizadas entrevistas com base em roteiro semiestruturado, ou seja, “que combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (Minayo, 2011, p. 65). Havia um roteiro para as entrevistas de modo que ele orientasse as questões a serem discutidas e se mantivesse dentro do foco da pesquisa. Contudo, cada encontro funcionava de forma a garantir

<sup>2</sup> CAEE nº 36549120.5.0000.5300.



que as participantes estivessem à vontade e pudessem falar livremente sobre suas experiências, perspectivas e, sobretudo, os sentimentos emanados. Investigou-se, portanto, a intersubjetividade frente à realização de um ofício de modo geral visto como preponderante do gênero masculino e muito frequentemente visto com reserva pela sociedade, pois faz lembrar a finitude e suas implicações.

| Nome  | Ocupação         | Idade | Raça (auto-declarada) | Escolaridade                  | Estado Civil | Renda mensal*                | Tempo de trabalho | Religião   |
|-------|------------------|-------|-----------------------|-------------------------------|--------------|------------------------------|-------------------|------------|
| Rosa  | Cremadora        | 38    | Parda                 | Ensino fundamental incompleto | Casada       | De R\$ 1567,50 a R\$ 2612,50 | 5 a 10 anos       | Católica   |
| Maria | Sepultadora      | 31    | Branca                | Ensino fundamental incompleto | Solteira     | R\$ 522,50 a R\$ 1045,00     | 1 a 2 anos        | Evangélica |
| Laura | Agente funerário | 27    | Branca                | Ensino superior               | Solteiro     | De R\$ 522,50 a R\$ 1045,00  | 2 a 5 anos        | Evangélica |
| Joana | Sepultadora      | 52    | Branca                | Ensino fundamental incompleto | Casada       | R\$ 1567,50 a R\$ 2612,50    | Mais de 20 anos   | Evangélica |

**Quadro 1** – Dados gerais sobre as participantes  
Fonte: elaborado pelos autores.

A cremadora Rosa e a sepultadora Maria (todos os nomes são fictícios) trabalham num cemitério particular, de caráter vertical, localizado na região sul do país. Ambas foram contratadas para cuidar da limpeza do local, como zeladoras. Com o tempo tiveram a oportunidade de mudar de função e se tornaram sepultadoras. No caso de Rosa, depois de executar sepultamentos por algum tempo, passou a ser cremadora.

A agente funerária Laura trabalha por comissão, uma modalidade frequente no setor funerário, que permite mais flexibilidade e autonomia no dia a dia profissional, porém com grande variação de renda, num estado no norte do Brasil. A agente é formada em psicologia e afirma utilizar conhecimentos de sua formação para atender melhor os clientes, mas não atua como psicóloga. Já a sepultadora Joana trabalha em um cemitério público no nordeste do país, tendo sido aprovada por concurso para desempenhar essa função. Somente Laura possui nível superior, enquanto as demais entrevistadas têm ensino fundamental incompleto.

## Resultados

Os resultados da pesquisa são apresentados a partir de fragmentos de falas coletadas nas entrevistas, que foram transcritas e organizadas em categorias. Destaca-se que as falas não foram alteradas, mantendo o padrão da linguagem oral. Todos os grifos são dos autores. As participantes que trabalham em cemitério particular foram contratadas para cuidar da limpeza do local, mas tiveram a oportunidade de mudar de cargo, conforme registrado anteriormente:

“Quando eu comecei no Memorial era para eu ficar na limpeza. No segundo dia faltou um sepultador e minha chefe me perguntou: “Você quer ser sepultadora?” (Maria – sepultadora<sup>3</sup>).

*Comecei na limpeza, depois eu passei pro sepultamento, e agora eu estou no crematório, eu sou a cremadora. [...] Eles me ofereceram se eu queria aprender a fazer sepultamento, daí eu disse que sim. Que eu gostaria de aprender. Daí me tornei sepultadora também (Rosa – cremadora<sup>4</sup>).*

Laura, 27 anos, agente funerária, cursava a faculdade de psicologia quando, desempregada, decidiu trabalhar em uma funerária:

*Minha mãe viu a vaga de anúncio na internet de agente funerário, me enviou e perguntou se eu tinha medo. Eu falei “não, porque eu já fiz Anatomia, já vi defunto”. Aí eu fui e entreguei o currículo, fiz a entrevista e passei na entrevista e passei a trabalhar no ramo funerário (Laura – agente funerária<sup>5</sup>).*

Algumas entrevistadas preferem o termo “sepultadora” para designar seu cargo, seja para diferenciar sua profissão dos profissionais de cemitérios públicos ou para atribuir importância ao cargo: “Bom, coveira fica meio feio. Eu prefiro sepultadora. Parece uma palavra muito importante, sabe?” (Maria). Sobre o nome dado ao ofício, declarou:

*Eu gostava mais de sepultadora, porque coveira é meio estranho né?! Eu acho mais bonito sepultadora. É um nome bem mais por ser já um cemitério... Até nesses cemitérios da prefeitura, coveiro eu acho meio chato. Acho que tem que ser sepultadores (Maria – sepultadora).*

As trabalhadoras que atuam em cemitérios verticais, onde, para os sepultamentos, não é necessária a abertura de covas no chão, são mais enfáticas sobre a necessidade de diferenciar essas terminologias. Tal diferenciação é, portanto, necessária, com atribuições a esse cargo modificadas a partir dessa distinção. Contudo, Joana, que trabalha em cemitério público, realiza a abertura de covas, mas prefere a definição “sepultadora”, ao invés de “coveira”.

A vasta literatura existente sobre questões de gênero e ocupações considera um consenso de que há uma inserção desigual entre os gêneros no mercado de trabalho. Tal situação fica clara a partir dos estudos referenciados neste artigo, em que a maioria dos entrevistados é do sexo masculino. Exatamente em função dessa constatação decidiu-se realizar este estudo, que buscou ouvir mulheres exercendo esses papéis, para compreender a inserção e suas condições de permanência em serviços funerários.

Há uma divisão de tarefas baseada, exclusivamente, na diferença de gênero, restrito às definições biológicas. Daniel (2011, p. 324), afirma: “Esta divisão baseia-se na concepção de

<sup>3</sup> Entrevista realizada com Maria, sepultadora, por Ana Paula Costa Silva, por meio do aplicativo WhatsApp®, em 22 de setembro de 2020.

<sup>4</sup> Entrevista realizada com Rosa, cremadora, por Ana Paula Costa Silva, por meio do aplicativo WhatsApp®, em 21 de setembro de 2020.

<sup>5</sup> Entrevista realizada com Laura, agente funerária, por Ana Paula Costa Silva, por meio do aplicativo WhatsApp®, em 14 de setembro de 2020.

que a diferença biológica dos sexos masculino e feminino representaria também uma diferença de qualidades, habilidades e características que homens e mulheres carregariam naturalmente em seus corpos".

A sepultadora Joana<sup>6</sup> começou a trabalhar no cemitério de forma clandestina, há mais de 20 anos. Enfrentando o adoecimento de seu marido, costumava ir até a prefeitura para pedir medicamentos. Aproveitou uma oportunidade e pediu diretamente ao prefeito da cidade um emprego: "Eu pedi: 'Me dá a chave do cemitério, dê esse trabalho pra mim'. E ele disse: 'Não, mas não pode, mulher não pode'. Eu disse: 'Mas eu faço! Exerço a profissão e você não vai ter com o que se preocupar'". Depois disso, fez concurso público e foi efetivada no cargo que, pouco tempo antes, era considerado impróprio para as mulheres.

Nesse mesmo sentido, a entrevistada Maria, afirmou:

*Um pouco difícil, porque os meninos são muitos preconceituosos, que mulher não pode fazer isso, aquilo...*

*Por um tempo, o que acontecia no trabalho? Eu só ajudava a colocar o caixão dentro da gaveta, fechar a pedra. Só isso e o rejunte. Só que um tempo atrás eles passaram a não deixar mais, não sei porque. [sic] Preconceito na verdade! Porque eles acham que mulher não pode fazer nada, desse tipo de trabalho e outros trabalhos. Eles acham que uma mulher não pode pegar um martelo. Isso já deveria ter acabado há muito tempo. Um tempo, quando depois que teve uma reunião, aí eu disse: "Quer saber, eu vou mostrar pra eles que mulher pode qualquer coisa". Então eu vou começar a abrir gaveta e mostrar pra eles como uma mulher trabalha (Maria – sepultadora).*

Em outro trecho da entrevista de Maria, consta que ela busca trabalhar mais do que os próprios homens, para se provar merecedora de estar naquele espaço.

*Eu não tô falando que o trabalho deles não é bom, só que eles botam as mulheres pra baixo e eu mostrei que não é assim que funciona. Tanto que quando estava no intervalo deles, botavam uma gaveta lá no grupo do trabalho, eu já ia lá abrir, pegava as ferramentas e ia lá abrir. "Gaveta pronta pra sepultamento!". Não é assim, nós somos uma equipe e temos que trabalhar juntos, não é só porque é homem que vai lá e pode abrir uma gaveta. Eu consigo com uma pedra, eu consigo abrir uma gaveta, não é um serviço pesado. É uma coisa que a gente tem que mostrar que tem potência pra fazer, tem coragem, tem força, tem disposição e nós podemos fazer. Eles eram muito... É um pouco difícil trabalhar com homem, porque eles acham que só eles podem e a gente não. Eu gosto de trabalhar nesse ramo, mas é um pouco complicado com o machismo. Mas eu vou e faço a minha parte (Maria – sepultadora).*

A divisão do trabalho a partir de questões de gênero ocorre por conta da natureza dos corpos, em relação ao que se considera ser aptidão para trabalhos exclusivamente "masculinos" ou "femininos" e, conseqüentemente, com a atribuição de maior valor e reconhecimento social

<sup>6</sup> Entrevista realizada com Joana, sepultadora, por Ana Paula Costa Silva, por meio do aplicativo WhatsApp®, em 20 de outubro de 2021.

às atividades desenvolvidas por homens (Santos, 2014). Nas entrevistas é nítido o desconforto com esta divisão entre trabalho de "homem" e trabalho de "mulher", pois para eles seriam destinados os trabalhos que exigem atributos físicos e para as mulheres os trabalhos de cuidados. Desse modo, Daniel (2011, p. 336) afirma que "[n]o cotidiano do espaço profissional, as mulheres estão sujeitas a comentários que sutilmente marcam as diferenças entre homens e mulheres, lembrando-as constantemente que elas não são como eles".

A partir das últimas décadas do século XX, tal cenário passou a se modificar e as mulheres começaram a ocupar profissões que eram majoritariamente masculinas, como medicina ou engenharia (Bruschini, 2007). Nesse mesmo sentido, Santos afirma:

*[...] ocorreram importantes transformações culturais e sociais que contribuíram de forma significativa para uma maior abertura do campo profissional às mulheres, sobretudo no contexto de profissões tradicionais como engenharia, medicina, arquitetura e direito, levando à maior inserção feminina nesses campos de trabalho (Santos, 2014, p. 35).*

Ainda segundo Santos (2014), a maior participação da mulher no mercado de trabalho nas últimas décadas se deve ao aumento do nível de escolarização em relação aos homens, à expansão econômica e às próprias conquistas referentes às mudanças no papel social da mulher. No entanto, em algumas ocupações, como no serviço funerário, é possível notar que a inserção das mulheres ocorre de forma lenta: "mais homens ocupam postos femininos, porém o mesmo não acontece com as mulheres: elas não são absorvidas nas profissões masculinas como os homens são nas femininas" (Daniel, 2011, p. 333).

*Eu faço meu serviço com muito orgulho. Se eu tenho que aprender a fazer outra coisa eu vou aprender a fazer. Eu penso assim. Eles ficam meio surpresos, pois com o passar do tempo as mulheres vão progredindo. Estão mostrando que são capazes de fazer serviço de homem (Rosa – cremadora).*

Discutindo esse contexto, Jesus e Barbosa (2016, p. 133), fazem a seguinte reflexão:

*Com o intuito de mostrar que são capazes, as mulheres vêm ao longo dos anos fazendo parte de um movimento de resistência a diversos paradigmas que foram criados para inferiorizá-las. Trata-se da busca por valorização, respeito, visibilidade social e igualdade de direitos com os homens, mostrando na prática que "sexo frágil" consiste em um discurso para "mantê-las" longe dos acontecimentos mundiais e principalmente do mundo do trabalho.*

Vale lembrar os itinerários de cada uma das entrevistadas para que pudessem se inserir no serviço funerário. Laura, agente funerária, apesar de cursar nível superior em psicologia, ao começar a trabalhar como agente estava desempregada. Foi sua mãe que viu um anúncio de emprego na funerária. Tanto Rosa quanto Maria foram contratadas para fazer parte da equipe da limpeza, mas com o tempo, conforme relatado, foi oferecida a elas mudança de cargo na empresa e elas aceitaram.



O trabalho de sepultadora de duas das entrevistadas ocorre em um cemitério do tipo vertical, sem necessidade de abertura de covas no chão, de modo que é um trabalho menos “braçal”. Joana, por sua vez, realiza seu ofício há mais de 20 anos em um cemitério público tradicional, abrindo covas no chão.

*Quando eles chegam e veem eu, com 1,54m, uma mulher, eles ficam olhando assim sabe, com aquela cara. Eu vejo ainda em algumas pessoas muito preconceito, achando que uma mulher não pode fazer serviço de um homem. [...] É um ramo masculino. Então, eu aceitei pra mostrar e também porque eu queria ter oportunidade de aprender mais. Eu sou capaz disso! Mas é pra mostrar também que não é só homem que pode fazer esse serviço, que a mulher também tem a força que um homem pode ter também. E se facilitar eu acho que mulher tem bem mais força que homem. E eu me sinto honrada de ser cremadora. E se tiver mais alguns obstáculos da vida eu sempre vou estar à disposição pra passar, pra sempre mostrar que mulher tem capacidade de muitas coisas ainda (Rosa – cremadora).*

Tanto os homens quanto as mulheres precisam aprender a ressignificar espaços quando elas adentram um ambiente tipicamente reconhecido por ser majoritariamente masculino: “quando as mulheres entram em profissões em que elas são minoria, os homens elaboram formas de conviver com a presença feminina que antes não faziam parte do seu cotidiano de trabalho” (Daniel, 2011, p. 338). Um bom exemplo é a fala de Laura, que diz: “Um ambiente muito machista, bastante. Mas assim como tem muitos homens machistas, tem muitos homens que te apoiam, havendo parceria”. As falas das entrevistadas apontam uma identificação positiva com o trabalho e para a não aceitação das diferenças como atributos masculinos e femininos.

*A entrada de mulheres em profissões, cargos e espaços de trabalho, que anteriormente eram ocupados apenas por homens, abre a possibilidade para que os indivíduos envolvidos se questionem sobre a validade de um modelo de divisão sexual do trabalho calcado em habilidades ditas naturais (Daniel, 2011, p. 334).*

Laura, em outro momento de sua fala, agradece a oportunidade de participar da pesquisa e diz acreditar ser importante que a voz da mulher que trabalha em sua profissão seja ouvida:

*É muito importante para mim essa pesquisa, não só pensando em mim né, mas pensando de como a classe é desvalorizada e de como é importante a voz da mulher dentro dessa profissão, que é totalmente masculina. Então, foi muito gratificante para mim participar (Laura – agente funerária).*

Maria, por sua vez, faz questão de defender as escolhas dos termos para sua profissão. Além de ser enfática em se definir como “sepultadora”, também procura destacar algumas diferenças de conduta. Afirma que não “enterra”, mas que faz “sepultamentos”. Nesse contexto, afirma que os homens “enterram”, mas as mulheres “sepultam”.



*Tem uns que falam que é legal, Tem uns que não são preconceituosos, outros são. Dizem “ah você é mulher e enterra pessoas” Eu digo: “Não é enterrar. Eu vou fazer um sepultamento. Isso não deixa de ser um trabalho e eu gosto muito do meu trabalho”. Alguns dizem: “Nossa, mas como tu gosta do teu trabalho?”. Eu não dou bola, na hora que eles falam eu acho engraçado porque tem sim... A metade da sociedade tem preconceito com o trabalho, porque pra eles verem um homem enterrando é normal, mas ver mulher sepultadora é esquisito (Maria – sepultadora).*

Considerando a questão de treinamentos para a realização dos trabalhos, Joana, por ter iniciado seu trabalho num cemitério público de forma irregular, não teve nenhum tipo de treinamento para exercer suas atividades:

*Não me passaram nada. Só disseram assim: “Você vai cavar cova”. Fui num caixão antigo, vi que era reto, medi, tem duas pás. Falei: “Vou cavar assim”. Quando foi o primeiro sepultamento eu disse “vai dar certo!” Mas ninguém me passou nada (Joana – sepultadora).*

A agente funerária Laura aposta na sua formação como psicóloga para compreender as demandas das famílias enlutadas e reforça que, para desempenhar a função, é preciso ter empatia e realizar treinamentos em atendimento ao cliente. Considera “maus profissionais” aqueles que se preocupam somente em vender caixões:

*Para ser bem sincera não fiz curso não. Eu fiz alguns cursos de como atender a família, a forma de abordar, a questão da empatia. Há os bons profissionais e há os maus. No meu primeiro emprego em funerária. Eu não vou citar nomes que é antiético... Eu tenho muitas experiências boas, fiz vários cursos de atendimento com a família, como se portar, como atender, só que tem outros funerárias, cujos nomes não vou citar, que há maus profissionais, com atendimentos malfeitos... Vende-se caixão como se vendesse um quilo de arroz, um quilo de feijão... Mas você tem que ter a empatia! (Laura – agente funerária).*

Rosa e Maria, que trabalham em cemitério vertical, relataram ter recebido treinamento para aprender a desempenhar suas funções.

*Sim, sim, quando eles dão oportunidade, quando tem uma oportunidade, se tu queres passar de função, eles sempre perguntam pros funcionários se alguém tem interesse em aprender uma nova função. Daí quem se interessa sempre tem um treinamento (Rosa – cremadora).*

*A gente tá tendo algumas aulas de como fazer o sepultamento, como fechar a tampa do caixão, como falar com os familiares, tudo isso a gente tá tendo treinamento, e isso é muito importante pra nós. Não tem como estar explicando isso (Maria – sepultadora).*

Segundo as entrevistadas, é essencial prover conforto para os familiares, com palavras e atitudes empáticas, de modo a realizar um bom trabalho. “Eu acho que é um conforto pra família, do jeito que a gente faz o nosso trabalho, tudo com... tudo devagar, tudo bem feitinho,



*passando pra eles aquela segurança que o ente querido deles está bem guardado, bem sepultado, bem cremado.”* (Rosa – cremadora). Explicar o funcionamento do local também é uma forma de promover cuidado:

*Antes a gente falava só pro familiar comunicar seu respeito naquele momento. Se eles quisessem botar, ter uma foto, daí eles vão lá falar com o vendedor. A gente explica também terminado o sepultamento a gente deixa a coroa três dias na frente da gaveta. Mas a gente não falava nada sabe. Só isso sobre a flor e do molde que fica na frente da gaveta do ente querido que acabou de falecer. Mas agora tem outras coisas mais que a gente explica né?!* (Maria – sepultadora).

O cuidado pode ser exercido e percebido de várias formas. O termo “cuidado” é utilizado por Flores e Moura (2018, p. 330), que ressaltam: “[...] vivências de prazer são fortemente relacionadas ao processo de preparação do corpo e ao atendimento dos familiares”, no qual o trabalho é visto como um ato que envolve cuidado com o outro. Nesse sentido, Joana relatou cuidar muito bem de “sua parte” do cemitério, e, inclusive, chegou a plantar árvores no local:

*Eu me sinto feliz vendo o meu trabalho e as pessoas me elogiando pelo trabalho que eu fiz. Foi essas mãozinhas aqui que carregou. Aquelas árvores lá fora, eu que plantei. Hoje dá sombra, o pessoal almoça ali embaixo. É muito gratificante. Me sinto realizada e completa* (Joana – sepultadora).

Ao abordarmos as perspectivas em relação ao trabalho, perguntamos às entrevistadas se elas pretendem continuar no serviço funerário. Apesar dos relatos que demonstram o quanto as profissões do ramo funerário são vítimas de preconceito da sociedade, nenhuma das participantes afirmou pretender trocar de ramo. Essas foram as respostas obtidas: “*Sim, sim. Continuo. Se algum dia eu sair daqui eu vou procurar um outro serviço, acho que me adapto melhor em serviços funerários. Eu gosto do que eu faço.*” (Rosa – cremadora). Maria se diz modificada após trabalhar com o sistema funerário:

*Sim, claro que sim. Esse foi um serviço que me modificou então eu vou continuar como sepultadora e pretendo sair de lá só se eles não me quiserem lá, e pretendo continuar até onde for pra ir, e mais além se Deus quiser* (Maria – sepultadora).

Nota-se que, apesar do preconceito vivenciado pelas trabalhadoras, optar pela permanência em seus ofícios denota a existência de outros ganhos que justificam essa escolha, os quais, no entanto, não ficaram claros no decorrer das entrevistas. Foi possível verificar que algumas entrevistadas não só desejam permanecer no segmento como sonham alto em relação aos possíveis ganhos materiais e imateriais das profissões relacionadas a ele:

*Pretendo continuar no ramo funerário, mas não como agente. Eu quero ser a dona agora. Pensando um pouco mais alto agora. Meu objetivo de vida é montar minha funerária, ser a dona da minha própria funerária, porque tem poucas mulheres como donas, que toma gestão são poucas.*



*E ajudar, juntar, usar os conhecimentos que eu tenho de formação em psicologia e agregar minha funerária para fazer uma acolhida diferente as famílias enlutadas e dominar o mercado. Aí quem sabe que uma rede de funerárias né? (Laura - agente funerário).*

A sepultadora Joana pretende se aposentar em dois anos, e demonstra sofrimento devido ao estigma e preconceito:

*Olhe, devido assim, ter pessoas que me machucam com palavras, eu digo daqui a dois anos vou ter tempo de serviço que é 25 anos. Eu quero minha aposentadoria. Até na Prefeitura eu disse, se tivessem só aquelas pessoas que é cativa e amável comigo, me respeita, eu até ficaria. Mas tem pessoas que tem o nariz em pé, quer ser melhor do que eu. Coveira é um zero à esquerda, é nojenta. Aí devido a essas pessoas eu não tenho vontade de ficar mais não (Joana – sepultadora).*

Estigma e preconceito também foram temas citados nas entrevistas. No artigo “Estigmatização e Riscos no Trabalho dos Necrotomistas” (Silva et al., 2016), os autores indicam que o processo de estigmatização se sustenta em dois elementos: o contato com cadáveres humanos e o desconhecimento popular acerca de suas atividades.

Uma das perguntas feitas nas entrevistas era a seguinte: “Das pessoas que convivem com você além de parente, por exemplo, tipo amigo, colega de trabalho, as pessoas fazem algum tipo de comentário?”. Eis algumas respostas:

*Meus pais já estão acostumados com minha profissão, e alguns amigos também acham super massa, principalmente o pessoal da Psicologia. Amo o pessoal da Psicologia que eles são super mente aberta. Mas alguns amigos, quando eu falo que eu trabalho em funerária “ai, Deus me livre, não sei como tu consegue” aquele tabu do medo do desconhecido (Laura – agente funerária).*

*Não. Elas respeitam. Mas já tem pessoas mais próximas de mim que respeitam por eu ser coveira e trabalhar no cemitério, mas já tem pessoas que eles têm “é coveira, é nojenta, não vou tocar nela”, que é algo assim assombroso. Tem pessoas que ainda têm esse tabu (Joana – sepultadora).*

Ao ser perguntada “como você acha que a sociedade em geral enxerga a sua profissão?”, a sepultadora Maria respondeu:

*Preconceito. Tem alguns tem preconceito, outros não. Esses tempos eu e o meu namorado saímos pra dar uma volta e nos reunimos com amigos, que a gente sempre sai pra fazer passeio de moto. Aí cada um começou a falar sobre trabalho, sobre a sua profissão, aí eu disse “não quero muito falar sobre o meu trabalho”, mas eles ficaram curiosos. Não é que não quero falar, porque tu já sais pra ter outra vida fora do trabalho e já começam a especular um monte de coisa sobre o cemitério, o que eu faço, eles querem saber vários detalhes e eu não posso, porque meu trabalho exige um respeito e cuidado do que você vai dizer para as pessoas porque vira especulação. Algumas pessoas quando a gente se reúne*

*perguntam e elas têm preconceito, eles falam que nunca trabalhariam, falam também “nossa parabéns porque é muito difícil encontrar uma pessoa que trabalhe num cemitério”, cada coisa que falam. Tem uns que falam que é legal, tem uns que não são preconceituosos, outros são (Maria – sepultadora).*

Alguns autores (Andrade, 2020; Nascimento et al., 2019; Batista & Codo, 2018, entre outros) afirmam que o trabalho com a morte é uma atividade socialmente útil, mas carregada de preconceitos, socialmente marginalizada e pouco abordada em estudos científicos e que, além disso, a sociedade julga como repugnante, mas, ao mesmo tempo, necessário.

*Geralmente a nossa profissão não é muito enxergada, não é muito enxergada... acontece que uma hora a pessoa morre e a pessoa não enxerga tua profissão, simplesmente ela precisa de uma funerária porque alguma coisa tem que ser feita com corpo. Ninguém vai lá na funerária: “nossa vou ali na funerária olhar como é que os agentes funerários trabalham, como que eles ralam, como é que é bonita a profissão deles” não ninguém enxerga isso não. Simplesmente a pessoa... a hora chega, as pessoas não esperam por isso, a morte nunca bate na tua porta te avisando... infelizmente as pessoas tem que achar, procurar uma funerária e ela nem enxergam uma profissão, elas enxergam porque precisam ali retirar o corpo e velar o corpo, somente (Laura – agente funerária).*

A cremadora Rosa busca igualar seu serviço a outros trabalhos. No entanto, reconhece que seu ofício exige coragem:

*Na minha opinião eles ficam meio assim, porque às vezes vem visita, alguém começa a trabalhar novo, ou até numa loja eles perguntam “qual é a tua profissão?” Eu respondo: “cremadora”. Eles olham e “hã?!” “Tu és cremadora?” Eu digo: “sim”. “Tu cremas as pessoas?” Eu digo: “sim”. “Tu tens coragem?” Eu digo: “sim”. “Ai meu Deus” Eu digo “não!”. É um trabalho igual quase, quase igual a todo trabalho (Rosa – cremadora).*

Para Laura, o que incomoda é a ideia de que as pessoas que exercem sua profissão não têm sentimentos, são frias. Sobre o tema, Flores e Moura (2018, p. 332) afirmam: “[...] os agentes funerários são trabalhadores que lidam com efeitos das distorções sociais que são produzidas sobre seu ofício, carregando grandes estigmas e mitos em relação ao seu objeto de trabalho: o corpo morto”.

*Olha, não é um trabalho fácil não. Começar porque a gente, o ser humano ele fede muito né? Vamos supor que tem corpo que fede pra caramba, vou te falar. E quem não tem estômago não aguenta não. Tipo, várias pessoas já passaram, por exemplo, quando eu trabalhava de carteira assinada, várias pessoas já passaram pela funerária e tem um testezinho se a pessoa tiver estômago para aguentar, para ver, para lidar com isso, fica. Mas geralmente muita gente pedia para sair porque não conseguia... Ambiente pesado, assim, porque pessoas chorando na hora do velório né. Ali você tem que pisar em ovo porque uma palavra sua, uma expressão sua errada, a família pode entender que você não*



*tem sentimento e já tem esse tabu com a gente, esse preconceito que a gente não tem sentimento, que a gente é frio. Então é muito delicado (Laura – agente funerária).*

Os trabalhadores dessa área entram em contato com o que é velado, evitado e, portanto, seus ofícios são estigmatizados socialmente, considerados “trabalhos sujos”, levando-os a serem invisibilizados pela função que exercem. A respeito da Covid-19, perguntamos às trabalhadoras se seus ofícios sofreram modificações durante a pandemia. Estas foram suas falas:

*Eu fiquei com medo. Fiquei apavorada, quando eu ia enterrar o pessoal de Covid, eu sozinha, com o parente gritando com a mão na cabeça, sem poder chegar perto, e eu sem poder deixar. Ali era um medo e o desespero da família. O pessoal dizia: pegava, você não pode chegar perto do caixão que você pega, e quem tinha contato com o caixão era eu. E o povo fazendo aquela mídia né, que pegava. Foi um pânico (Joana – sepultadora).*

*Isso é uma doença né, então incomoda bastante, dá medo, a gente pensa nos filhos em casa, e à vezes eu não tomei os cuidados que tinha que tomar. Porque aí chegava um covid, eu não tava de luva, aí corria pra botar uma luva, máscara. Aí isso incomoda bastante porque tu chegas em casa e tu tem que trocar de roupa pra abraçar os filhos, isso mexe muito sabe, mas a gente sempre tá tomando cuidado pra sempre estar com luva com máscara essas coisas, lavar bem as mãos. Às vezes a gente comete uma pequena falha, mas nada que não se resolva né? (Maria - sepultadora).*

As sepultadoras Joana e Maria relataram o medo de contrair a doença, pelo trabalho que exerciam, além dos cuidados para exercê-los.

*A gente faz a conservação do corpo quando não é Covid-19, prepara para velório, que tá um pouquinho diferente agora devido ao atual momento que estamos... só duas horinhas de velório, e aí a gente deixa na capela, não pode velar em residência hoje devido a pandemia. Então faz duas horinhas de velório aqui se não for para Covid-19 e a gente faz o sepultamento (Laura – agente funerária).*

*Sim, em relação a pandemia, tipo a gente tem todo um processo diferente. É feita a cremação só a noite, porque a gente queima o caixão todo, ele vem lacrado, e a gente faz a cremação só a noite. É diferente da cremação durante o dia, porque a gente queima sem tampa, sem as alças, e a noite do jeito que ele chega pra nós, é imediato, é feita a cremação no mesmo dia (Rosa – cremadora).*

Laura e Rosa explicam como o processo de trabalho se modificou e como afeta as famílias dos falecidos, que tinham o velório reduzido ou impossibilitado se tratando de mortos por Covid-19, principalmente no primeiro ano da pandemia.

## Conclusão

Quando a morte ocorre, fica a cargo de trabalhadores do serviço funerário cuidar daqueles que se foram e muitas vezes até dos que ficam. Diante de ofícios que demandam lidar com a morte, que nossa sociedade contemporânea busca interditar, o objetivo deste estudo foi conhecer as mulheres que trabalham com a morte e como concebem esse fenômeno e as implicações sobre a vida delas. As trabalhadoras da morte entrevistadas revelaram que, apesar de atuarem em menor número, quando comparadas aos homens, e estarem inseridas num universo de muito preconceito, exercem um importante papel no setor funerário, sendo responsáveis por diversas áreas, desde aquelas que exigem força física, como a abertura de covas em cemitérios, e aquelas que implicam em cuidado com entes e amigos enlutados.

Nesse cenário surgiu a pandemia de Covid-19 e tornou suas vidas mais tensas, inclusive com riscos de contaminação. Nos momentos mais drásticos, havia filas para velórios e enterros, às vezes até à noite, vendo famílias sendo destroçadas sem que pudessem promover adequadamente os rituais de despedida. Foi nesse contexto que também ocorreram as entrevistas, graças a aplicativos que permitem uma comunicação de forma ágil e prática, presente em qualquer telefone móvel usados atualmente. Assim, por meio de mensagens de textos, áudios e videochamadas foi possível ouvir mulheres de vários lugares desse grande país. As participantes, que concederam as entrevistas de bom grado, ao perceberem que colaboravam com um estudo científico que trata exatamente do confronto com a finitude, não mediram palavras para explicar o que sentem diante da morte, o cotidiano de seus trabalhos, como o desafio para preparar um corpo para enterrá-lo ou cremá-lo, além da lida com os familiares enlutados.

Trabalhar com os arranjos funerários é estar presente no momento de muita dor das pessoas, quando elas perdem familiares e amigos para sempre. Estar diante da dor do outro é também uma posição privilegiada, com incertezas, diante do “não saber lidar” com essa dor e da busca por um profissionalismo que muitas vezes é entendido como uma postura fria e distante em relação aos que ficam.

Diante das proibições de funerais e velórios em consequência da pandemia de Covid-19, as famílias e amigos de pessoas falecidas foram impedidas de realizar seus rituais fúnebres da forma como eram feitos. Os enterros passaram a ser mais rápidos e as despedidas, muitas vezes, à distância, sem a visão do corpo da pessoa amada. Mais do que nunca, essas trabalhadoras tornaram-se as responsáveis por cuidar dos últimos momentos dos falecidos em terra, enquanto as famílias buscam novas formas de ritualizar essas perdas e concretizar as mortes.

A partir de seus trabalhos, foi apresentada uma amplitude de questões sobre o cuidado do outro e da força que é necessária para estar presente num momento de dor e tristeza que se busca fortemente evitar, mas que é inevitável. Espera-se, portanto, que as reflexões decorrentes da pesquisa possam contribuir aos debates sobre morte e morrer que têm surgido em nossa atualidade e, principalmente, a respeito da posição da mulher no exercício do trabalho com a morte.



## Referências Bibliográficas

- Andrade, I. B. de. (2020). *A morte como instrumento de trabalho: a experiência subjetiva dos coveiros*. [Tese de Doutorado, Universidade de Fortaleza].
- Barbosa, R. P. (2012). *Gênero e competência no mercado de trabalho*. [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo].
- Batista, A. S. & Codo, W. (2018). Trabalho sujo e estigma: cuidadores da morte nos cemitérios. *Revista de Estudios Sociales*. 63, 72-83. <https://doi.org/10.7440/res63.2018.06>
- Bruschini, C. (2007). Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. *Cadernos de Pesquisa*. 37 (132), 537-572. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000300003>
- Daniel, C. (2011). O trabalho e a questão de gênero: a participação de mulheres na dinâmica do trabalho. *O Social em Questão*. 25/26, 323-344.
- Flores, V. D. C. & Moura, E. P. G. (2018). Significados do trabalho, prazer e sofrimento no ofício de Agentes Funerários. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*. 18 (1), 326-334.
- Jesus, C. S. B. & Barbosa, R. J. S. (2016). Trabalho feminino x nível de escolaridade: uma análise sobre a influência da educação para a inserção da mulher no mundo do trabalho. *Revista Ártemis*. 21, 131-146. <https://doi.org/10.15668/1807-8214/artemis.v21n1p131-146>
- Kovács, M. J. (2003). *Educação para a morte: temas e reflexões*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Meireles, D. C. (2018). *Gênero e mercado de trabalho no Brasil*. [Tese de doutorado, Universidade Federal de Juiz de Fora].
- Minayo, M. C. S. (2011). Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: S. F. Deslandes et al. (orgs.). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade* (30. ed., pp. 61-78). Petrópolis: Vozes.
- Nascimento, R. L. et al. (2019). O sentido do trabalho para o agente funerário. *Revista de Ciências da Administração*. 21 (53), 112-128. <https://doi.org/10.5007/2175-8077.2019V21n53p112>
- Santos, J. L. dos et al. (2014). Morte e luto: a importância da educação para o profissional de saúde. *Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR*. 18 (3), 199-203. <https://doi.org/10.25110/arqsaude.v18i3.2014.5196>
- Silva, A. P. C. (2021). *No barco de Caronte: a morte pelo olhar dos profissionais de serviços funerários*. [Dissertação de Mestrado Acadêmico, Fundação Universidade Federal de Rondônia].
- Silva, F. L. L. et al. (2016). Estigmatização e riscos no trabalho dos necrotomistas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 32 (1), 133-141. <https://doi.org/10.1590/0102-37722016012302133141>
- Souza, C. C. B. X. (2013). *Até que a morte os separe: os cônjuges cuidadores, profissionais de saúde e o cuidar*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo].

Recebido em: 29 de novembro de 2021

Aprovado em: 20 de julho de 2022

